
PERCEPÇÃO DO ALUNO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM QUANTO AO PAPEL DO PROFESSOR EM SITUAÇÃO DE ENSINO PRÁTICO.

ELAINE ROSSI RIBEIRO*

RESUMO

Neste estudo, abordam-se aspectos relacionados ao papel do professor em campo de estágio, utilizando-se a teoria da *facilitação da aprendizagem*, de Carl Rogers e a *teoria da modelação*, de Albert Bandura e a conseqüente visão do aluno quanto ao desempenho desta função.

INTRODUÇÃO

O processo ensino - aprendizagem e todo o cabedal de situações nele envolvidos, trazem sempre, por mais pesquisas e relatos feitos, evidências da dinamicidade que envolve a função do professor em relação ao aluno. Esta relação é óbvia a partir do pressuposto de que não há ensino sem aprendizado, não há professor sem aluno.

Ensinar é uma palavra com várias definições: Ensinar é transmitir ensino, instruir e explicar, MEAD, citado por PULLIAS (1970) refere-se ao ensino como "uma arte sem atrativos quando descritos apenas com palavras". Para HENDRICKS (1991), por exemplo, ensinar é transformar vidas. SARTON, (1961) vai além quando diz que o "melhor ensino é um caso de amor".

Ensinar é comunicar. Apesar de ser uma atividade que pode ser descrita e analisada, o ato de ensinar é mais vasto do que transmitir conhecimentos, pois o conhecimento não se passa de uma mente a outra, mas é interiorizado pelo aluno tal qual uma medicação é absorvida pelo organismo quando colocado na corrente circulatória.

O que é aprender? A definição mais comum aponta o ato de aprender como mudança de comportamento de quem aprende. O ser humano, entre todos os seres vivos, é o que mais aprende, pois adquire, a partir do meio exterior, a capacidade de responder adequadamente a novas situações. SALVADOR (1971) escreve que "aprender implica, pois, em renovação, conservação profunda e interior do indivíduo."

No desejo de contribuir, este trabalho visa basicamente a responder ao seguinte problema: Quais os papéis desempenhados pelo professor em uma situação de ensino prático da Enfermagem, percebido pelo aluno de graduação?

Para tal, definiu-se como objetivos:

- 1) identificar os papéis do professor do ponto de vista didático.
- 2) verificar a percepção do estudante de Enfermagem em relação ao papel desempenhado pela enfermeira/docente em uma situação de ensino prático.

* Docente da disciplina Enfermagem em Centro-Cirurgico -- CESULON
Chefe de Departamento do Curso de Enfermagem e Obstrícia do Cesulon

3) estabelecer uma análise comparativa entre as bases teóricas que direcionam o processo ensino-aprendizagem.

REVISÃO DE LITERATURA

Estudos iniciais da pesquisa sistemática sobre o ensino e o aprendizado foram realizados desde a década de 30, quando BAAR, citado por MELLO (1974) abordou a problemática da competência do professor. Ainda hoje nos deparamos com estudiosos e pesquisadores que persistentemente estão em busca de novos conceitos de ensino como uma forma de expandirem as margens do conhecimento que delimitam as atividades pelo professor.

O conceito de ensino evolui muito, podendo-se conceituá-lo de maneiras distintas, como mostra GONÇALVES (1970):

conceito etimológico: "ensinar é colocar dentro, gravar no espírito"

conceito antigo: "ensinar é transmitir conhecimento"

conceito moderno: "ensinar é dirigir tecnicamente a aprendizagem"

Sabemos que o ensino não é estático. Em sua dinamicidade, o ensino deve direcionar a aprendizagem, pois não consiste em uma mera transmissão de costumes, formas e trabalhos, e sim, em um relacionamento íntimo, completo de seus integrantes.

Ensinar é arte! Caberão todos os ensinamentos dentro de um sistema?

O que dizer quando um pai ensina o filho a jogar bola, quando o pianista mostra ao aprendiz as primeiras notas, ou quando o estudante de Enfermagem manuseia a seringa para aprender a aplicar uma medicação intramuscular? Podemos dizer que está havendo transmissão de conhecimento visando à integração da pessoa.

Como processo, ensinar é a direção técnica da aprendizagem, mas como resultado, ensinar é "assistir o educando no seu progressivo ajustamento ao meio" GONÇALVES (1970).

BASES METODOLÓGICAS

Discorrendo sobre a competência dos professores, CARVALHO (1977), diz que "...a função do docente do enfermeiro exige um acervo de conhecimentos acerca dos princípios de ensino-aprendizagem em geral, e um reconhecimento de que as estratégias didáticas aplicadas ao ensino da Enfermagem estão fundamentadas nestes princípios".

Neste sentido, citaremos duas conceituações teóricas da aprendizagem, que podem servir como linhas condutoras do processo ensino-aprendizagem: Modelação da aprendizagem.

A) MODELAÇÃO: Tendo como principal representante Albert Bandura, a modelação é um fenômeno ou ação que intencionalmente ou não, reduz a conduta de outro indivíduo.

Nos últimos anos, tem havido um grande aumento nas pesquisas e teorização sobre a modelagem, a qual também chamamos de aprendizagem observacional. Para a modelação, pressupõe-se a presença de:

1) modelo: pessoa cujas ações são imitadas

2) observador: pessoa cujo comportamento é influenciado pelo modelo.

Uma parte considerável da aprendizagem é desenvolvida pela exposição da vida real que desempenham intencionalmente ou não padrões de comportamento que podem ser imitados por outros, como dirigir carros, cozinhar, nadar instrumentar cirurgias ou pesquisar. SAHAKIAN (1969) diz que: "dependendo de como são usadas, as influências de modelagem podem produzir comportamento criativo e inovador".

LEWIN, citado por SCHIEFELE (1968) lembra que dentro do que chamamos aprender, é necessário ressaltar alguns tipos de modificações:

- 1) aprender como modificação da estrutura cognitiva
- 2) aprender como modificação da motivação
- 3) aprender como modificação da integração de uma idéia em outras
- 4) aprender no sentido do controle voluntário da musculatura do corpo

Vale assinalar que todas estas modificações são de extrema importância para o desenvolvimento do aluno na área de Enfermagem, onde utilizamos aspectos relacionados ao cognitivo, às atitudes e também às habilidades. Enfocando a teoria da modelação, refletimos sobre o que se passa com o aluno quando observa o professor em uma atividade prática. Como por exemplo: passagem de sonda nasogástrica, ou ainda quando o enfermeiro faz a visita pré-operatória, ou na admissão de um paciente na unidade cirúrgica.

Diz-nos AEBLI (1970), que existem diferentes graus de acompanhamento de uma ação. O aluno pode "assistir" a passagem da sonda, sem praticar, mas pode também "assistir" a admissão do paciente e imitar interiormente a ação.

Este processo não pára por aí, pois quando o aluno observa seu professor demonstrando na prática como se faz uma visita pré-operatória de Enfermagem, realiza-se um processo de percepção. AEBLI (1970) confirma-nos que a "percepção do resultado das atividades é tão importante no processo de modelação quanto a observação da atividade em si".

USO DA TEORIA DA MODELAÇÃO DA ENFERMAGEM

O conceito de modelação como estratégia de ensino também foi estudado na Enfermagem. KRAMER (1972), pesquisadora americana, ressalta que poucos programas incluem nos seus currículos, o modelo (modeling) como método de ensino. Em seu artigo, publicado na revista "Nursig Forum" (1972), a autora questiona esta atitude e assinala com relevância o resultado positivo do emprego do modelo no ensino da Enfermagem.

Vários estudos provaram que a imitação é a mais eficiente em produzir mudanças nos padrões de comportamentos dominantes e pré-existentes. Então pergunta-se: Como defender o papel expressivo da Enfermeira, quando estudantes de Enfermagem possuem expectativas pré-estabelecidas com relação à Enfermagem, considerando-a como uma série de técnicas a serem executadas para o paciente?

KRAMER (1972) relata o trabalho realizado em uma universidade americana, partindo de pressuposto de que dentro da limitação do sistema, raramente os alunos têm

oportunidade de aprender como prestar assistência de Enfermagem de qualidade, e que uma docente poderia demonstrar como prestar tal assistência por imitação. A experiência começou com uma enfermeira que possui qualidades pré determinadas para servir de modelo. Planejadas as estratégias, a enfermeira-modelo atuou junto aos alunos não como orientadora ou supervisora, mas prestando assistência a um paciente. No início, as alunas se mostraram desconfortáveis com a rápida mudança de papel, mas com o passar do tempo, houve imitação por observação direta do modelo. O resultado foi positivo portanto as alunas foram "despertadas para a Enfermagem" segundo seus próprios relatos, o que levou a um crescente entusiasmo por esta nova estratégia de ensino.

Há que se mencionar o trabalho do Corpo Docente de Enfermagem da Columbia Britânica, em Vancouver, que usa a estratégia de ensino através da imitação com estudantes em hospitais rurais, com resultados satisfatórios. Outro exemplo é o da Escola de Enfermagem da Universidade da Califórnia, que, através deste sistema de ensino, têm comprovado a melhoria da assistência da Enfermagem e também o nível de prestígio e gratificação das Enfermeiras.

B) FACILITAÇÃO: A teoria "centrada na pessoa" têm como precursor o psicoterapeuta Carl R. Rogers. Sua determinação permitiu que seus ensinamentos se estendessem não somente às sessões psicoterapêuticas mas também na área da Educação, quando fez afirmações que abalariam as estruturas rígidas do ensino.

PUENTE *(1978) define claramente tal afirmação: "a responsabilidade da educação está no próprio estudante, possuidor de forças de crescimento, auto-avaliação e auto-correção, digno de confiança, em quem deve estar centrado o processo de ajuda, sendo que a única tarefa do professor e da instituição de ensino consiste em facilitar a aprendizagem do aluno.

À facilitação é um processo pelo qual o professor deve estar em íntimo relacionamento com o aluno, sendo de importância vital a confiança do professor na capacidade de aprender do aluno, importando-se pela sua emoção e seu sentimento.

O professor cria portanto um ambiente facilitador, assim também como a provisão do material de aprendizagem relacionado aos objetivos estabelecidos pelo aluno.

Elucidando sua teoria, ROGERS (1969) coloca três condições relativas ao professor que facilitam o processo da aprendizagem:

- 1) autenticidade do professor (sem fachadas, com transparência)
- 2) aceitação (consideração positiva e incondicional-relação de ajuda)
- 3) compreensão (empatia, sem julgamento do próprio ponto de vista)

Em seu livro "Liberdade para aprender" ROGERS (1969) responde ao questionamento: O que é ensinar? "Enfrentamos, ao meu ver, situação inteiramente nova em matéria de educação, cujo objetivo, se quisermos sobreviver, é o de facilitar a mudança e a aprendizagem. O único homem que se educa é aquele que aprendeu como aprender, que aprendeu como se adaptar e mudar; que aprendeu que nenhum conhecimento é seguro, que nenhum processo de buscar conhecimento oferece uma base de segurança.

USO DA TEORIA DO ENSINO CENTRADO NO ESTUDANTE DE ENFERMAGEM

Algumas escolas, no sentido de buscar cada vez mais a melhoria do ensino, têm implantado em diferentes disciplinas, metodologias pertinentes, as quais vem corroborar na estruturação do aprendizado da Enfermagem. Podemos citar a utilização do ensino centrado no estudante como metodologia aplicada por um período no Curso de Mestrado em Enfermagem Pediátrica da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, através do relato de experiência de HUERTA (1934)

Sobre este programa, a autora diz: "...foi o início da compreensão de nós mesmas". As alunas, esquematizaram um programa que atendesse as suas próprias necessidades, formulando objetivos, conciliando interesses e necessidades do conteúdo. Para isto, a professora foi uma "catalisadora" com técnicas próprias e especiais que as levava à percepção de todo o processo de aprendizado.

Ao final da experiência, concluíram que o "eu" profissional, o "eu" social eram um único, e o objetivo do professor realmente foi atingido quando conseguiu levar o estudante a se tornar um processo integrado de mudanças.

Finalizando o artigo, HUERTA (1984) escreve: "nós acreditamos que esta é a meta do processo educativo, e que o caminho para atingí-lo é o ensino centrado no estudante".

O PAPEL DO PROFESSOR

O PROFESSOR PODE SER UM MODELO

Esta palavra gera receios, pelo simples fato de todos termos consciência de que não somos perfeitos em tudo o que fazemos. A despeito disto, o professor tem um papel forte como modelo, pois ser modelo origina-se da própria natureza do ensino. O veículo de ensino mais eficiente é a pessoa humana, assim, aquilo que o professor é e faz, isto ele ensina.

Na Enfermagem, pelo fato de o professor participar criteriosamente das atividades práticas, o exemplo expressa grande poder nas atitudes básicas, nos hábitos, nas relações interpessoais, na assistência, no trajar, na avaliação das situações e até mesmo no estilo de ser profissional. Não estamos afirmando com isto que o aluno deva considerar o professor como um modelo a ser copiado literalmente, pois defendemos a idéia da liberdade de se desenvolver um estilo pessoal. Todavia, que o aluno não se moldasse dentro de um estilo copiado, mas "aproveitasse" o melhor exemplo e o somasse ao seu próprio conjunto de valores.

O PROFESSOR PODE SER UM FACILITADOR

Este professor é aquele que liberta o processo criador. PULLIAS (1970) diz que o professor "como criador, sente esse fato e todas as suas atividades são sustentadas, orientadas e inspiradas por essa realização". Assim sendo, ele está no centro do processo educativo, facilitando a aprendizagem oferecendo uma visão para o aluno. Ele é hábil em transmitir o valor e a importância de cada indivíduo. Na Enfermagem, considerar o homem e suas necessidades básicas é a síntese de todo processo. Se soubermos

relacionar habilidades com visão, acharemos propósito e significado para a Enfermagem.

Portanto, neste papel de facilitar, o professor eficaz é aquele que desperta o potencial criativo e deixa a capacidade e o talento latentes.

METODOLOGIA

O presente foi realizado com a participação de vinte e seis alunos do terceiro e quarto anos do Curso de Enfermagem e Obstetrícia do Centro de Estudos Superiores de Londrina (Cesulon), alunos estes que estão desenvolvendo estágios práticos em ambiente hospitalar.

Para a coleta de dados, usou-se um questionário (anexo I) composto por dezoito itens relativos às características do professor facilitador e do professor modelo, em uma situação de ensino prático.

Os itens que caracterizam o papel do professor foram agrupados da seguinte forma:

afirmativas ímpares: 1,3,5,7...17= professor facilitador

afirmativas pares: 2,4,6,8,...18= professor modelo.

Conhecedores dos objetivos da pesquisa, os sujeitos responderam ao instrumento segundo suas percepções, assinalando cada um dos dezoito itens conforme o grau de importância de cada um, sendo que as colunas numeradas possuíam o seguinte significado:

1 = extremamente importante

2 = muito importante

3 = importante

4 = pouco importante

Procedido o preenchimento do instrumento, os dados foram processados e submetidos a tratamento estatístico. Tabelas serão apresentadas em seus valores absolutos e proporcionais segundo o papel do professor facilitador e modelo.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Coletados os dados e agrupados conforme as características desempenhadas pelo professor, apresentam-se os resultados:

TABELA I

Tabela I - Opinião dos alunos em relação ao papel do professor facilitador

ITENS RELATIVOS AO PROFESSOR FACILITADOR	Extremamente importante	Muito importante	Importante	Pouco importante
Aceita críticas dos alunos	30,7%	30,7%	30,7%	7,6%
Compreende os erros e encoraja a crescer a partir destes erros	46,1%	50,0%	00,0%	3,8%
Mantém diálogo aberto para perguntas e orientações	50,0%	34,6%	15,3%	0,0%
Reforça o aluno com elogios sempre que merece	38,4%	26,9%	30,7%	3,8%
É consciente de suas limitações e tenta superá-las	26,9%	46,1%	23,0%	3,8%
Aceita idéias e sugestões dos alunos	30,7%	42,3%	23,0%	3,8%
Dá ao aluno liberdade de ação e pensamento	38,4%	42,3%	19,2%	0,0%
Requer avaliação de seu desempenho	34,6%	46,1%	15,3%	3,8%
Incentiva o progresso do aluno através de seu esforço	57,6%	34,6%	7,6%	0,0%

A tabela I mostra numericamente que característica considerada extremamente importante, foi: "Incentiva o progresso do aluno de através de seu esforço", assinalada por 57,6% dos alunos.

Em seguida, com 50% das respostas, o item considerado relevante, foi: "Mantém diálogo aberto para pergunta e orientações".

O item que obteve menor pontuação na coluna "extremamente importante" foi: "É consciente de suas limitações e tenta superá-las", com 26,9% das respostas.

Em relação à coluna 4, quando o aluno marcou o item que considera pouco importante, um total de 2,98% das respostas foram assinaladas, valor considerado estatisticamente baixo, demonstrando que na opinião dos alunos, as características dadas ao professor facilitador, são de forma geral relevantes.

TABELA II

TABELA II - Opinião dos alunos em relação ao papel do professor modelo.

OPINIÃO DOS ALUNOS

ITENS RELATIVOS AO PROFESSOR	Extremamente importante	Muito importante	Importante	Pouco importante
É dedicado na assistência de Enfermagem aos pacientes	50,0%	30,7%	19,2%	0,0%
Percebe alterações no estado do paciente	57,6%	30,7%	7,6%	3,8%
Atende prontamente urgências e situações de "stress"	34,6%	53,8%	11,5%	0,0%
Integra a prática ao ensinamentos teóricos	50,0%	46,1%	3,8%	0,0%

Informa ao paciente sobre a assistência que lhe vai ser prestada, apoiando-o emocionalmente	61,3%	19,2%	19,2%	0,0%
Utiliza princípios científicos com segurança na assistência ao paciente	65,3%	30,7%	3,8%	0,0%
Atenta para a reabilitação do paciente e ensina-o, o autocuidado	38,4%	34,6%	23,0%	3,8%
Participa do planeamento dos cuidados visando a eficiência assistencial	46,1%	38,4%	15,3%	0,0%
Leva o paciente a participar de seu tratamento	30,7%	53,8%	15,3%	0,0%

Na tabela II, verificou-se que três itens foram considerados numericamente relevantes, pelas porcentagens de respostas assinaladas na coluna I, (extremamente importante), são eles:

"Utiliza princípios científicos com segurança ao paciente" com 65,3% das respostas.

"Informa ao paciente sobre a assistência que lhe vai ser prestada, apoiando-se emocionalmente" com 61,3% das respostas.

"Percebe alterações no estado do paciente" com 57,6% das respostas.

Realizada uma análise comparativa da opinião dos alunos em relação ao papel do professor facilitador e do professor modelo, chegou-se ao resultado apresentado na Tabela III.

TABELA III

Somatória dos totais percentuais de cada coluna de resposta do instrumento utilizado.

PROFESSOR	COLUNA I extremamente importante	COLUNA II muito importante	COLUNA III importante	COLUNA IV pouco importante
MODELO	55,35%	32,47%	11,44%	0,74%
FACILITADOR	39,32%	39,32%	18,38%	2,98%

Analisando tais percentuais, concluímos:

Na coluna II (extremamente importante), 55,35% das respostas assinaladas foram relativas ao professor modelo, enquanto que 39,32% foram dadas ao professor facilitador, significando que 60,4% dos alunos elegeram o professor modelo como aquele que possui características extremamente importantes, quando se fala em papel do professor em campo de estágio, enquanto que 55% dos alunos consideram muito importante (coluna II) as características do professor facilitador.

Em relação à coluna III (importante) 61,6% dos alunos aprovam as características do professor facilitador, e na coluna IV (pouco importante), 80,1% das respostas foram para os itens relativos ao professor facilitador.

Com tal análise, nota-se que não há discrepâncias fortes que possam ser destacadas. Portanto, os números revelam, grande equilíbrio nas opiniões dos alunos em relação ao papel do professor, o que reforça a tese de que a soma das características de cada papel seria o ideal. O uso de uma ou outra base metodológica poderia ser revista e adaptada para cada realidade apresentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realmente o ensino é uma arte! No estudo do professor, a teoria traria à luz o ideal, isto é, a totalidade daquilo que o professor sabe, é e faz. Mas na vivência prática, o lado humano se sobressai, então a perfeição deixa de existir.

Apesar disto, independente do estilo, grau, conhecimento e também da evolução da ciência, o veículo do ensino mais eficiente continua sendo a pessoa humana.

Creio que a concientização pessoal garantirá que alunos cheguem até nós, professores, com grandes espaços vazios, e nós os tornaremos capazes de desenvolver o seu próprio potencial como ser humano.

O bom professor necessita de muitos predicados, mas essencialmente, o bom professor, independente de assumir o papel de facilitador ou o papel de modelo, é aquele que promove a união da ciência e da arte, isto é, da obtenção do conhecimento somando a um estilo pessoal.

Na Enfermagem, o ensino clínico é de extrema importância, a despeito de o professor adotar o papel de modelo ou de facilitador, conquanto a aprendizagem se realize mediante o comportamento ativo do estudante. Para CARVALHO (1972) um dos objetivos maior do professor em campo de estágio, é "estimular o aluno a responsabilizar-se pelo próprio desenvolvimento intelectual e técnico-profissional." Este ensino deve modificar, hábitos, criando e desenvolvendo atitudes adequadas, características vitais no sistema de formação de Enfermeiros.

Assim, sendo facilitador da aprendizagem ou modelo para o aluno, que todos nós, formadores de seres humanos, possamos trilhar o caminho na busca da excelência para atingirmos o alvo e as metas que assumimos, com o objetivo de tornarmo-nos mestres completos e totais.

ABSTRACT

In this study, aspects related to the teacher's role in nursing are approached, using the *learning facilitation theory* by Carl Rogers and *modeling theory* by Albert Bandura and the consequent student's view concerning to the performance of this function.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AEBLI, Hans. Prática de ensino. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1970
- CARVALHO, Amalia C. Orientação e ensino de estudantes de Enfermagem no campo clínico Tese de Doutorado apresentado à Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 1972.

- CARVALHO, Virgínia L. Processo ensino aprendizagem em Enfermagem, Dimensão Metodológica. Tese para livre Docente apresentada à Escola de Enfermagem Ana Néri, rio de Janeiro, 1977.
- GONÇALVES, Ramanda. Didática Geral. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1970
- HENDRICH, Howards. Ensinando para transformar vidas. Vendas Novas: Betânia, 1991.
- HUERTA, Edélia P. Et al. Ensino centrado no estudante: Relato de experiência de alunas nesta metodologia. Revista de Escola de Enfermagem da UPS v.18, n.2, p.141-149, Ago. 1984
- KRAMER, Marlene. The concept of Modeling as a teaching Strategy. Nursing Forum v.11, n.1, p.48-70, 1972
- MELLO, Guiomar N. Observação da interação professor-aluno: uma revisão crítica. Cadernos de Pesquisas - Fundação Carlos Chagas. São Paulo, 1974.
- PULLIAS, Carl V. A arte do magistério. Rio de Janeiro: Zahar, 1970
- PUENTE, Miguel de la. O ensino centrado no estudante. Renovação e Crítica das Teorias Educacionais de Carl Rogers São Paulo: Moraes, 1978
- ROGERS, Carl R. Liberdade para aprender. Belo Horizonte: Interlivros, 1969
- SAHAKIAN, W. Aprendizagem Social e Imitação U.S Publicações de Serviços de Saúde de Instituto Nacional de Saúde Mental. Nova York, 1969 (tradução permitida)
- SALVADOR, Angelo D. Iniciação ao Ensino Porto Alegre: Sulina, 1971
- SARTON, May The Small Room. Nova York, 1961
- SCHIEFELE, Hans. Ensino Programado. São Paulo; Melhoramentos, 1968

ANEXO I

QUESTIONÁRIO

Encontram-se abaixo, algumas características que podem ser desempenhadas pelo professor, em uma situação de ensino prático.

Marque com um X a coluna que você achar pertinente a cada característica relacionada.

- 1 - Extremamente importante
- 2 - Muito importante
- 3 - Importante
- 4 - Pouco importante

1. Aceita críticas do aluno
2. É dedicado na assistência de enfermagem aos pacientes
3. Compreende os erros e encoraja-os a crescer a partir destes erros

4. Percebe alterações no estado do paciente
5. Mantém diálogo aberto para perguntas e orientações
6. Atende prontamente urgências e situações de stress
7. Reforça-os com elogios sempre que merecem
8. Integra à prática os ensinamentos teóricos
9. É consciente de suas limitações e tenta superá-las
10. Informa aos pacientes sobre a assistência que lhes vai ser prestada, apoiando-as emocionalmente
11. Aceita idéias e sugestões dos alunos
12. Utiliza princípios científicos com segurança
13. Dá ao aluno liberdade de ação e pensamento
14. Atenta para a reabilitação dos pacientes, e ensina-os o auto cuidado
15. Requer avaliação de seu desempenho
16. Participa do planejamento dos cuidados, visando a eficiência da assistência aos pacientes
17. Incentiva o progresso do aluno através de seu esforço
18. Leva o paciente a participar de seu tratamento.